

HENRIQUE ABRANCHES E A PRODUÇÃO LITERÁRIA SOBRE O KONGO

Samuel dos Santos Comprido¹, Larissa Oliveira e Gabarra²

Resumo: O romance Misericórdia para o reino do Congo de Henrique Abranches é objeto de pesquisa deste trabalho. A partir da narrativa do romance foi feita a problematização do objeto no âmbito de estudos e pesquisas voltadas à reformulação da história africana, pensada por um invés endógeno ao contrário da história colonial contada até então. A compreensão dos projetos políticos empreendidos pelos nacionalistas africanos na luta anticolonial no século XX e a perspectiva da formação dos Estados-Nações tornam-se objetivo principal desta pesquisa. Deste modo, percebe-se que embora tenha havido um número significativo dos autores-jovens patriotas querendo levar ao povo a mensagem encorajadora de luta era imprescindível também que essas mensagens fossem instrumentos capazes de ensino e aprendizagem como meios de formação dos futuros dirigentes africanos. Assim, de forma que o autor narra a história do reino com personagens de características fisionômicas e linhagem diferentes, o trabalho vem trazer à tona o discurso posto entre linhas do seu romance, além de contar com uma análise estética-literária da sua personalidade como militante do Movimento Popular pela Libertação de Angola- MPLA e do Centro de Estudos Angolanos- CEA. Tratando de uma problematização de como foi que a questão de luta pela independência angolana tocou a sensibilidade dos jovens nacionalistas.

Palavras-chave: Luta de independência. Literatura. Angola. Estados-nações.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da obra Misericórdia para o reino do Congo escrita no período das lutas anticoloniais e publicada apenas 1996 por um dos membros fundadores do Centro de Estudos Angolanos - CEA, Henrique Abranches. Ela faz parte do projeto “usos e sentidos nos discursos nacionalistas na RDC e em Angola”, trabalhos esses empreendidos sob orientação da Professora Doutora Larissa Oliveira e Gabarra e financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) através do seu programa de bolsas de produtividade em pesquisa, estímulo à interiorização e à inovação tecnológica (BPI). E, enquanto membro integrante do grupo de pesquisa África Contemporânea e bolsistas do mesmo projeto, senti a necessidade de desenvolver um trabalho que relate a questão do patriotismo dos

¹ Universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira, Fundação cearense de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico- FUNCAP, e-mail: compridosamuel@gmail.com

² Universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira, Fundação cearense de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico- FUNCAP, e-mail: larissa.gabarra@unilab.edu.br

jovens da geração 50 – intelectuais produzindo uma literatura anticolonial em 1950, trazendo algumas alegorias que evidenciam o fato de ter sido nessa altura a questão anticolonial como foco. O colonialismo se torna um problema para os escritores da geração 50 desde que ultrapassa os limites da cultura e tradição africana. O modernismo civilizatório europeu é, portanto, o foco de ataque desses intelectuais. Para tirar os povos africanos da condição colonial, a escrita da história teve que ser refeita. Principalmente quando o passado do povo trazia histórias de governos de Reis ou Rainhas, essa herança cultural era importante para ser trazida à tona. O romance analisado inicia-se com essa perspectiva, mas procura ampliar a visar de autogovernança quando apresenta as relações diplomáticas entre o reino do Congo, seus reinos vassalos, Portugal, Holandeses e o Vaticano (por meio da presença dos capuchinhos). Durante o período de luta armada contra o colonialismo a relação internacional, pan-africanismo, Nações Unidas e URSS vão configurar um quadro de ação e apoio financeiro aos partidos e a grupos de pesquisa sobre África, que é o caso do CEA. No entanto, o CEA foi financiado de certa forma pelas bolsas de pesquisa concedidas pelo recém independente governo Argelino. Foi a ebulição de intelectuais de várias origens em Argel que impulsionou o grupo de angolanos, simpatizantes do Movimento Popular pela Libertação de Angola – MPLA a criarem o CEA.

METODOLOGIA

Ao longo dessa pesquisa, a análise bibliográfica foi o método empreendido no qual buscamos recolher informações que nos proporcionaram a compreensão do fenômeno em estudo. Após um mês da implementação do projeto, foram quatro meses de leitura bibliográfica e das fontes específicas de cada bolsista. As leituras teóricas em comum, aos quatro bolsistas foram:

- a) Análise e interpretação dos textos do professor Fábio Baqueiro sobre a formação de nações, raças, e etnias - um estudo sobre intelectuais do CEA e, sobre influencia ideológica ocidental e pró-comunista nos anos de 1960-1961 durante a Guerra Fria;

- b) Análise e interpretação da tese do escritor angolano Patrício Batsíkama sobre nação, nacionalidade e nacionalismo em Angola;
- c) Análise e interpretação dos textos de Susana Abrantes e Carlos Almeida sobre a narrativa etnográfica na literatura sobre o Kongo, coletânea “Em torno de Angola: narrativas, identidades e as conexões atlânticas”, SP, 2014.
- d) Estudo dirigido sobre a “História de Angola, 1965” e “Misericórdia para o reino do Congo, 1996”, obras do CEA e de Henrique Abranches, respectivamente, dois dos documentos do projeto. A partir deles podemos compreender o uso de algumas palavras kikongo, que muitas vezes aparecem em obras sobre o reino do Kongo;
- e) Produção de um artigo para os anais do IV Artefatos da Cultura Negra, Cariri, 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta do estudo sobre usos e sentidos do Kongo no romance “Misericórdia para o Reino do Congo”, apenas publicado em 1996, mas escrito na década de 1970 está inserido no quadro dos intelectuais da geração 50. O romance é composto por 15 capítulos, todos vivenciados no território do reino, mesmo que as cenas se reportem a questões do tráfico Atlântico e ingerência dos capuchinhos nas decisões do reino, principalmente, naquelas que poderiam modificar o quadro de exportação de homens e mulheres para as Américas.

A temática de Henrique Abranches fortalece a produção literária sobre o antigo reino do Kongo – escrito com a letra K para distinguir dos inúmeros significados, que o léxico linguístico, do termo Congo na África Contemporânea, como na Diáspora. Atualmente quando se fala dos estudos africanos em especial não se pode ignorar o fato de que mais de um terço estudos tratam e retratam sobre o reino do Kongo e a formação dos Estados que dantes compreendiam o território do mesmo. Existem dois momentos importantes de serem esclarecidos sobre a História do reino do Kongo. Através de fontes literárias (acervos ou periódicos), que ao longo dos séculos no campo da História tem

disponibilizado informações sobre o Reino Kongo, uma delas é que foi um reino formado pela unificação de várias etnias no século XIII. A outra informação esclarecedora é que o Reino, a partir da chegada das caravelas lusitanas no século XVI, passou a ser fonte do tráfico de escravizados, tanto para a família real como para os europeus, esse comercio tronou-se fonte de poder, status e riqueza. A corte de Mbanza Congo a partir de então ficou dividida entre os kongo em prol dos portugueses, identificado por Patrício Batsíkama, como constitucionalista, e os kongo, por outro lado oposição aos portugueses, de tradicionalistas (2015, p. 193-194).

No entanto, a visão de Henrique Abranches sobre o reino do Kongo está vinculada ao seu lugar de fala – membro do CEA. Para o autor o antigo reino é referência de governação africana, o romance lida com esse governo em contato com a Europa num momento em que existe uma força popular interna que pretende o fim do cristianismo português do reino. Por ter sido escrito durante as lutas anticoloniais de Angola, busco compreender nessa subjetividade, colocada na literatura, o discurso nacionalista do autor ou o do MPLA. Na altura utilizada como meio de comoção contra o sistema colonial portuguesa, narrando a história o movimento Antonista que visava a reunificação do reino do Kongo nos finais do século XVII, cria uma analogia com o partido, que também se pretende uma força popular interna que expulsará os portugueses de Angola. O movimento é visto pelo autor como um processo popular de resistência à generalização da escravidão no território esfacelado do reino, como o partido é visto no período como a resistência à generalização do trabalho forçado – análogo à escravidão – em Angola do século XX.

CONCLUSÕES

Para uma independência dos países africanos do jugo colonial europeu seria importante que o centro africano fosse libertado, assim permitiria libertação das restantes zonas ocupadas, isto foi uma das estratégias dos movimentos nacionalistas africanos que começam a surgir na década de 50. Falando do reino do Congo que n'altura fazia parte de três países do centro africano, Angola, RDC e República do Congo, por isso constitui na época e até hoje um dos temas centrais de muitos trabalhos académicos. Procurei no

âmbito da pesquisa analisar a obra *Misericórdia para o reino do Congo*, focalizando-a como um entre outros discursos nacionalistas do período revolucionário. O romance apresenta diversos atores sociais no século XVII, independente da fronteira colonial do século XX; portanto, tanto do lado de Angola, quanto de RDC, estão para o autor fazendo história, tanto quanto ele espera que os bakongos façam história no processo de independência de Angola. Enfim pretendo ter contribuído com a perspectiva do protagonismo dos bakongo na construção da história contemporânea da África.

AGRADECIMENTOS

Seria impossível dar início a esse empreendimento acadêmico se não tivesse apoios das pessoas que especialmente gostaria destacar além dos seus iniciais maiúsculas; assim, meus agradecimentos se estendem humildemente à Raquel Marchã e seu marido Guilherme Bragança. De igual modo agradeço à família Carbonera em Itália e em especial à amiga-querida Laura Carbonera. Agradeço também a FUNCAP pela bolsa de pesquisa concedida, que me possibilitou desenvolver esse trabalho.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Henrique. **História de Angola**. Argél: Centro de Estudos Angolanos, 1965.
- _____. **Misericórdia para o Reino do Kongo!** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1996.
- CIPRIANO, Patrício Batsíkama Mampuya. **Nação, nacionalidade e nacionalismo em Angola**. Tese apresentada na Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2015.
- FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. **Entre raças, tribos e nações: os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos, 1960-1980**. Tese defendida no programa de pós-graduação do Centro dos Estudos Africanos – UFBA. Salvador, 2012.
- PANTOJA, Selma, Org.; THOMPSON, Estevam C., Org. **Em torno de Angola: narrativas, identidades e as conexões atlânticas**. São Paulo: Intermeios, 2014. (pp. 15-48).